

Resumo: A prática docente está atrelada às dimensões técnica, política, ética e estética. Isso tem suscitado, no meio acadêmico, discussão e reflexão, em especial na área da Enfermagem. Objetivou-se identificar o perfil de Enfermeiros docentes e a percepção destes acerca da formação pedagógica. Trata-se de um estudo qualiquantitativo, realizado com Enfermeiras docentes de um curso de graduação em Enfermagem, por meio de um questionário com questões fechadas e uma entrevista semiestruturada. Emergiram 03 categorias: responsabilidade para lidar com vidas; capacitação para a docência; aspectos facilitadores na prática da docência. Para as Enfermeiras à docência em Enfermagem pressupõe a formação de um profissional que seja capaz de lidar com a vida, uma vez que o paciente e o cuidado são os elementos fundamentais da assistência.

Descritores: Enfermeiro, Capacitação Profissional, Ensino.

Profile of the nursing teacher and his perception on pedagogical training

Abstract: The teaching practice is linked to the technical, political, ethical and aesthetic dimensions. This has raised, in the academic environment, discussion and reflection, especially in the area of Nursing. The objective was to identify the profile of teaching nurses and their perception about pedagogical training. This is a quantitative and qualitative study, carried out with Nurses teaching a Nursing undergraduate course, through a questionnaire with closed questions and a semi-structured interview. Three categories emerged: responsibility to deal with lives; training for teaching; facilitating aspects in teaching practice. For Nurses, teaching in Nursing presupposes the formation of a professional who is able to deal with life, since the patient and care are the fundamental elements of care.

Descriptors: Nurse, Professional Training, Teaching.

Perfil del enfermero docente y su percepción sobre la formación pedagógica

Resumen: La práctica docente está ligada a las dimensiones técnica, política, ética y estética. Esto ha suscitado, en el medio académico, discusión y reflexión, en especial en el área de la Enfermería. Se objetivó identificar el perfil de enfermeros docentes y la percepción de éstos acerca de la formación pedagógica. Se trata de un estudio cualiquantitativo, realizado con enfermeras docentes de un curso de graduación en enfermería, por medio de un cuestionario con cuestiones cerradas y una entrevista semiestruturada. Se han emergido 03 categorías: responsabilidad para lidiar con las vidas; capacitación para la docencia; aspectos facilitadores en la práctica de la docencia. Para las enfermeras la docencia en enfermería presupone la formación de un profesional que sea capaz de lidiar con la vida, una vez que el paciente y el cuidado son los elementos fundamentales de la asistencia.

Descritores: Enfermero, Capacitación Profesional, Enseñanza.

Edinilza da Silva Machado Medeiros
Enfermeira. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Docente de cursos da saúde da Faculdade São Francisco de Barreiras. Barreiras (BA), Brasil.
E-mail: edinilza@fasb.edu.br

Dulce Rodrigues de Matos Prestes
Enfermeira. Especialista em Nefrologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora do curso bacharel em Enfermagem da Faculdade São Francisco de Barreiras. Barreiras (BA), Brasil.
E-mail: dulce180510@hotmail.com

Emília Karla de Araújo Amaral Pignata
Pedagoga. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Brasília. Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB / CAMPUS IX. Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ Campus IV - Barreiras/ BA. Coordenadora de Pesquisa e Extensão e professora da Faculdade São Francisco de Barreiras. Barreiras (BA), Brasil.
E-mail: emilia@fasb.edu.br

Rosa Maria Silva Furtado
Pedagoga. Mestre em Educação e contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ Campus IV - Barreiras/ BA e da Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB - UNEB.
E-mail: rfurtado@uneb.br

Submissão: 09/03/2018
Aprovação: 17/09/2018

Introdução

O exercício da docência na Educação Superior é uma atividade complexa que exige uma gama de saberes e esses vão muito além dos conhecimentos específicos da área de atuação do docente¹. A prática docente deve contemplar a técnica, política, ética e estética². Assim, as políticas institucionais, internas e externas, exigem do professor a apropriação de novos saberes e a aquisição de novas competências para que o docente possa articular as situações que emanam do seu cotidiano¹.

As discussões e reflexões advindas do meio acadêmico, sobre a prática docente, em especial na área da Enfermagem, faz suscitar questionamentos, já que a formação do Enfermeiro é centrada em aspectos técnicos da assistência ao paciente, não contemplando o saber pedagógico³. Todavia, entende-se que o professor deve ter total domínio da área pedagógica⁴.

A Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) Nº. 3, de 07 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Enfermagem, em seu artigo 14º explicita nos cursos de Enfermagem que haja a implementação de uma metodologia no processo de ensinar-aprender, que proporcione ao acadêmico reflexão sobre a realidade social e aprenda a aprender⁵.

Embora tenha se observado que a docência na área da saúde é considerada como uma

atividade secundária³, estudo realizado com Enfermeiros docentes para investigar a representação destes sobre a formação profissional evidenciou que esses profissionais primam para o desenvolvimento do compromisso e da responsabilidade dos indivíduos, por meio de um ensino não fragmentado e que estimule o desenvolvimento do senso crítico e questionador do aluno⁶.

No Brasil, a prática de ensino é uma exigência legal para o ensino na educação básica. A Lei 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) descreve que a “formação docente, exceto para a Educação Superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas” ficando determinado que a “preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado”⁷. Não havendo exigência legal que legitime a formação do professor que irá atuar no ensino superior. A cobrança está relacionada à formação do docente no nível *stricto sensu*, mestrado e doutorado, os quais dão ênfase à pesquisa e não a formação didático-pedagógica.

Paradoxalmente, a exigência em relação a qualidade do ensino é uma constante nas universidades, embora não se exija formação pedagógica do docente. De modo que o questionamento sobre o quão as titulações podem contribuir para a qualidade da didática vem sendo suscitada. O exercício da profissão de docência universitária, como qualquer outra, requer capacitação específica. Assim, entende-se

que a ausência de uma formação pedagógica ao professor universitário possa comprometer a qualidade do ensino-aprendizagem.

O professor do Ensino Superior, contribui para a formação reflexiva de seu grupo e isso implica em um compromisso mais amplo com a aprendizagem, não sendo mais possível profissionais que não contribuem com a formação crítica do indivíduo⁸.

Dessa maneira, o presente estudo teve como objetivo identificar o perfil de Enfermeiros docentes e a percepção destes acerca da formação pedagógica.

Material e Método

Estudo de natureza quali-quantitativa, descritiva-exploratória, realizada com 11 Enfermeiras, docentes do curso bacharel em Enfermagem, de uma Instituição de Ensino Superior particular do interior da Bahia. A pesquisa foi realizada por meio um questionário, contendo questões fechadas de múltipla escolha, e de entrevista semiestruturada. Foi realizada em local privativo, individualmente, após explicação acerca dos objetivos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos participantes, em duas vias. O critério para seleção da amostra foi por adesão e da realização da entrevista foi por meio da saturação e homogeneidade das respostas, havendo saturação na entrevista de número 8.

Participaram do estudo Enfermeiros professores, do curso bacharel em Enfermagem, com tempo de experiência mínima na docência de até 06 meses. Foi mantida a privacidade e autonomia dos participantes, estes podendo desistir a qualquer momento do estudo sem que houvesse alguma penalidade. Os participantes receberam identificação numérica na ordem de 1 a 8, acompanhada da letra P que equivale a participante (P. 1; P. 2; P. 3; P. 4; P. 5; P. 6; P. 7; P. 8).

A pesquisa obedeceu aos princípios da Resolução 466/12 do Conselho Nacional em Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, sendo avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade São Francisco de Barreiras, parecer de número 1.339.167 de 26 de novembro de 2015.

Os dados quantitativos foram dispostos em planilhas do Software Microsoft Excel 2014, e analisados à luz da estatística descritiva. Para a entrevista foram utilizadas perguntas norteadoras baseadas em Nunes⁹. A entrevista foi gravada, com gravador portátil, na íntegra, e posteriormente foi transcrita e analisada por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin, que destaca a verificação do conteúdo como um conjunto de análise e técnicas de comunicação e análise dos significantes¹⁰.

Resultados

Os dados quantitativos estão apresentados em forma de tabelas.

Tabela 1. Perfil de Enfermeiros docentes de uma Instituição de Ensino Superior. Barreiras-Ba, 2016.

Variáveis	n	%
Idade		
25-29	3	27,2
30-39	8	72,5
Estado civil		
Solteira	6	54,5
Casada	5	45,4
Tempo de formação		
2-5 anos	2	18,1
6-10 anos	8	72,7
> de 10 anos	1	9
Egresso da instituição		
Sim	6	54,5
Não	5	45,4
Instituição de formação		
Pública	2	18,1
Particular	9	81,8
Pós-graduação <i>stricto sensu</i>		
Mestrado		
Sim	2	18,1
Não	9	81,8

Todos os profissionais com formação em bacharel em Enfermagem, docentes do curso de Enfermagem, eram do sexo feminino. As Enfermeiras docentes tinham idade mínima de 25 anos e idade máxima de 29 anos, com uma média de 31,9 anos. Mais de 50% casadas, com tempo de formação entre 6-10 anos, egressas da instituição em que eram docentes.

Mais de 80% possuíam graduação proveniente de instituição particular. Todas possuíam pós-graduação lato sensu, nas mais diversas áreas assistenciais de Enfermagem, apenas uma com pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior. Possuíam pós-graduação completa no nível stricto sensu apenas duas professoras, mestrado acadêmico, e uma com doutorado em curso.

Tabela 2. Característica da contratação e formação dos Enfermeiros docentes de uma Instituição de Ensino Superior. Barreiras-BA, 2016. N=11.

Variáveis	n	%
Contrato para a docência		
40 h	8	72,7
Horista	3	27,2
Atuação na docência		
< 1 ano	1	9
1 a 4 anos	6	54,5
5 a 8 anos	4	36,3
Formação específica para docência		
Sim	3	27,2
Não	8	72,7
Cursou disciplina metodologia*		
Sim	6	54,5
Não	5	45,4
Exerce outra atividade		
Sim	10	90,9
Não	1	9
Área da outra atividade**		
Hospitalar	9	81,8
Atenção Básica	1	9
Docência antes da assistência		
Sim	3	27,2
Não	8	72,7

*Metodologia do Ensino Superior. **Neste item o número total é diferente do n, pois uma docente não exerce outra atividade.

Quando questionadas sobre o tipo de contratação para o exercício da docência, mais de 70% das afirmaram possuir contrato de 40 horas semanais. Mais de 50% com tempo de exercício na docência entre 1 e 4 anos, e 36,3% com atuação na docência entre 5 e 8 anos. Foi questionado às participantes do estudo qual era a profissão delas. Foram unânimes em considerar a profissão de Enfermagem como atividade primária, em detrimento da profissão de professor.

Acerca da formação para atuar na docência universitária, apenas três docentes afirmaram formação específica para atuarem no ensino superior, as docentes com título de mestrado e a

docente com pós-graduação lato sensu em Docência do Ensino Superior.

Além das profissionais com mestrado e com especialidade em Docência do Ensino Superior, mais três afirmaram que já haviam cursado a disciplina de Metodologia do Ensino Superior durante a realização de pós-graduação. Todavia, as Enfermeiras que haviam cursado essa disciplina isoladamente não a consideraram como formação específica para a docência. Nas palavras de uma delas, “essas disciplinas são muito superficiais. Carga horária muito pequena. Por meio delas não me senti preparada para o exercício da docência” (P4).

Quando questionadas sobre as atividades que exerciam além da docência, mais de 90%

afirmaram atuar na assistência em âmbito hospitalar, com uma carga horária igual ou maior que 30 horas semanais. Para 72,7 % das participantes a docência foi posterior à assistência. “Isso da gente ir para a assistência antes de dar aula é muito bom. Facilita. E como facilita. Aí a gente pode associar a teoria da aula com a nossa prática de Enfermeira. Sinto que isso tem me ajudado muito, relatou uma das Enfermeiras docentes (P2)”.

Da análise do conteúdo foi evidenciado o tema: Ser docente significado e implicações, de onde emergiram 03 categorias: responsabilidade para lidar com vidas; capacitação para a docência; aspectos facilitadores na prática da docência.

Categoria 1: Responsabilidade para lidar com vidas

As falas analisadas, decorrente dessa categoria, revelam o significado de ser docente na área da enfermagem para a Enfermeira. Estas profissionais consideram a docência como tarefa que requer muita responsabilidade, pois esperam que as ações da docência na enfermagem devam contribuir para a formação de um profissional que seja capaz de lidar com a vida, uma vez que o paciente e o cuidado são os elementos fundamentais da assistência, como elucida as falas a seguir:

P. 1. “Trabalhar no ensino superior pra mim significa muita responsabilidade, vamos formar profissionais para atuar na saúde, significa responsabilidade”.

P. 2. “As pessoas vão se inserir no mercado de trabalho e irão lidar com vidas, daí a

importância da qualidade das informações. A responsabilidade que a gente tem, com tudo que se fala para os alunos, se não tiver um embasamento correto, seguir a técnica correta. Fazer com que o aluno entenda isso”.

P. 4. “Pra mim significa contribuir para a formação desses acadêmicos, mostrar um pouco da minha experiência na prática, em sala de aula. Isso é compartilhar o saber. Isso enriquece tanto o aluno quanto o professor, pois o conhecimento não é pronto e acabado”.

P. 5. “[...] Traçar perfis de profissionais, com uma visão detalhista, centrada na Enfermagem. Tornar o profissional apto para sua atuação”.

P. 6. “Primeiramente é a responsabilidade. Ainda mais na área da Enfermagem”.

Para estas profissionais a maior responsabilidade do docente na área da Enfermagem é para com a formação de um profissional apto para atuar no mercado de trabalho, atendendo as exigências da profissão de Enfermeiro.

Categoria 2: Capacitação para a docência

Por meio desta categoria é possível compreender que as participantes demonstram que a formação do bacharel em Enfermagem não prepara o indivíduo para o campo da docência, por não possuir em seu currículo disciplinas pedagógicas, e compreendem que essas lacunas podem ser diminuídas por meio de aprimoramento oferecido nos cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu e de educação permanente. Estes profissionais relataram ter vivenciado no exercício da docência

universitária dificuldades relativas à não formação didático pedagógica, como retratam as falas seguintes:

P. 1. “A formação do Enfermeiro não é voltada para a docência [...]. “É essencial que seja oferecido ao docente capacitação por meio de educação continuada”.

P. 2. “Não tenho formação específica para a docência. Seria necessária a realização de um Mestrado” [...], essa preparação pode facilitar a proximidade entre professor e aluno”.

P. 3. “Nossa dificuldade é formação. Não se prepara o Enfermeiro para docência, não fui preparada para ser professora, fui preparada para ser Enfermeira. Eu escolhi ser docente, então tenho que me aperfeiçoar na prática e com cursos de especializações.

P.4. “A falta de formação do Enfermeiro para a docência pode ser suprida pelo empenho do professor, que vai buscar atualização do conhecimento [...]. “É Essencial para uma ação docente: Tanto o empenho do professor, que vai buscar atualização do conhecimento, em prol do conhecimento, e a participação do aluno”.

P. 6. “Na docência lidamos com alunos com muita deficiência. Deficiência básica de língua portuguesa. E isso compromete todo o processo. Não fui preparada para lidar com essas situações”.

P. 7. “[...] Os alunos, principalmente os mais jovens, têm dificuldade em entender a figura do professor. Os alunos são desnivelados. Têm muita dificuldade. Isso prejudica inclusive a relação professor aluno, na prática pedagógica”.

P. 8. “[...] os alunos possuem deficiências básicas. Não somos preparados para esses conflitos”.

Compreende-se que os Enfermeiros docentes sentem a necessidade de uma preparação para a docência, para inclusive muni-los de ferramentas para lidar com as diversas necessidades da clientela acadêmica, como é o caso dos alunos que possuem deficiências básicas, de produção e compreensão textuais, por exemplo, advindas do Ensino Fundamental e Médio, e para lidar com os conflitos inerentes às relações humanas.

Para estas profissionais a carência de uma formação que seja efetiva para a preparação da docência universitária tem sido um dos aspectos que mais tem dificultado a prática do professor, uma vez que não se obtém essas competências por meio dos cursos bacharelados, como é o caso da formação superior em Enfermagem.

Observa-se, pois que a formação do Enfermeiro, de modo geral, é tecnicista com foco no cuidado, seu objeto de estudo, ainda sob uma perspectiva biologicista e intervencionista. A ênfase dada à formação técnica pode ser considerada como fator limitador da prática docente, uma vez que o que se é valorizado não é a capacidade de reflexão, mas sim de habilidade técnica. Neste interim, as competências do Enfermeiro como Educador ficam em plano inferior.

Categoria 3: Aspectos facilitadores na prática da docência

Nesta categoria, ficam evidenciados os aspectos facilitadores na prática da docência, na

perspectiva das participantes do estudo, apesar de não terem formação específica para a docência. É possível entender que estas profissionais vinculam os aspectos facilitadores aos sentimentos de gratificação e gostar do que se faz, pois, uma vez que a pessoa gosta do que faz ela irá dispendir energia física e psíquica para superar as expectativas. Além da presença do apoio institucional e dos mecanismos propiciados pelo avanço tecnológico, como é o caso da internet.

P. 1. “Gostar da docência, eu trabalho aqui há algum tempo [...]. Acho que o que é facilitador é você gostar do que faz, fazer com dedicação, ir em busca do conhecimento”.

P. 2. “O apoio da instituição, apoio da coordenação pedagógica, proximidade com os alunos”.

P. 3. “[...] Me espelhar em professoras que era Enfermeiras [...]”.

P. 6. “A internet que permite acessar aos artigos científicos de todas as partes do planeta e também a dedicação do aluno, se esse aluno não tiver base escolar [...]”.

P. 7. “[...] É gratificante acompanhar um aluno por semestre, vê esse aluno entrar e sair da faculdade, vê a formação desse aluno, perceber que você pode contribuir com a formação do profissional”.

P. 8. “O carinho do aluno, o resultado final do semestre, a gente consegue alcançar um objetivo, isso instiga a gente a querer ficar e ser docente”.

Fica evidenciado também que a harmonia permeada entre as relações professor aluno, facilita a ação da docência universitária.

Discussão

A força de trabalho na educação e na enfermagem é constituída em sua maioria por indivíduos do gênero feminino. O número representativo da força feminina está diretamente relacionado à inserção desse grupo no mercado de trabalho. Entretanto, tanto as atividades voltadas para a educação quanto às relacionadas ao cuidado, a enfermagem, foi por muito tempo direcionado apenas as mulheres, por serem consideradas ações como extensão dos cuidados domésticos. Nesses dois casos há uma vinculação com a imagem da figura feminina como mãe que educa que cuida dos afazeres domésticos¹¹.

Em um estudo realizado em instituições públicas e privadas, no estado de Minas Gerais no ano de 2010, para investigar o perfil do docente do curso bacharel em Enfermagem, dado similar a esta pesquisa foi encontrado na instituição particular no qual houve predomínio de professores do gênero feminino, casadas, com uma faixa etária entre 20 e 40 anos. Diferente desta pesquisa os professores da instituição particular possuíam experiência na docência entre 6 e 10 anos, tempo de formação entre 11 e 15 anos, mais de 50% eram mestres e uma fração bem menor das docentes Enfermeiras possuíam uma segunda atividade, sendo comum a este estudo a atuação na área hospitalar, com carga horária de até 30 horas¹².

Atuando na docência universitária, há uma gama de professores com características e

formações distintas. Desde aqueles com formação didática obtida em cursos de licenciatura; os que trazem sua experiência profissional para a sala de aula; àqueles que sem experiência profissional ou didática, são oriundos de curso de especialização e/ou *Stricto Sensu*¹³. Os cursos de Pós-graduação seguem preparando pesquisadores que têm na atividade docente “apenas uma atividade de segunda categoria, principalmente quando se trata de graduação”¹⁴. Esses aspectos têm ficado bem claros na enfermagem, pois se têm evidenciado que a maioria dos Enfermeiros docentes possui uma segunda atribuição e poucos consideram a atribuição de professor como profissão primária.

Em estudo sobre o perfil dos egressos da pós-graduação *stricto sensu* em enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São de Paulo, foi evidenciado que a diminuta quantidade de profissionais com mestrado ou doutorado, na área da enfermagem, pode estar relacionada com a baixa faixa etária dos enfermeiros nessa década, que outrora ingressam após os 30 anos de idade em pós-graduação de caráter *Stricto Sensu*¹⁵.

Em estudo realizado com professores da Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia, com o intuito de descrever as condições de trabalho e de saúde dessa população, foi verificado que mais de 50% dos docentes tinham mestrado ou doutorado, contrário aos dados encontrados nesta pesquisa. Entretanto, dado semelhante foi encontrado no que se refere à carga horária dedicada para a docência, prevalecendo à carga horária de 40 horas semanais¹⁶.

A docência universitária tem sido considerada uma “caixa de segredos”, tendo em vista que nem sempre as políticas públicas foram efetivas em todas as determinações e processo do ensinar, ficando a instituição educacional com toda essa carga que por sua vez defende a concepção de liberdade acadêmica docente”¹³.

Entretanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) determinam para as Instituições de Ensino Superior (IES) as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas por meio de um projeto pedagógico flexível que se adapte às demandas de cada sociedade. Para o curso bacharel em Enfermagem, as Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em Enfermagem (DCENF) propõe a formação de um profissional, para o exercício da Enfermagem, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, pautado no exercício da ética, embasado no rigor científico e intelectual para atuar em todos os níveis de atenção à Saúde¹⁶.

A implementação das DCENF é um desafio para a formação de Enfermeiros tanto com competências técnicas científicas quanto políticas, capazes de articular os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, com a capacidade de percepção dos fatores pertinentes ao círculo social. Essas diretrizes assumem, como base filosófica, os quatro pilares da Educação, em que o aprender a conhecer envolve o aprender a pensar a realidade, a pensar o novo, reinventar o pensar, a pensar e reinventar o futuro e está relacionado ao prazer da descoberta, da curiosidade, da busca da compreensão, da construção e reconstrução do conhecimento¹⁷.

Sendo assim, a prática da docência em Enfermagem deve ser uma prática multidimensional, pois, contempla aspectos técnicos, científicos, éticos e políticos. Isso é possível por meio da “adoção da ótica pluralista das concepções de ensino, integrando a diversidade dos campos do conhecimento e uma visão global da realidade”. Assim, as DCENF contemplam as dimensões do aprender a aprender, do aprender a fazer, do aprender a ser e do aprender a conviver, atrelada ao papel social e político do trabalho em saúde/enfermagem¹⁸.

Todavia, como foi evidenciada nesta pesquisa, ainda pode se observar na prática docente uma valorização dos aspectos técnicos e científicos, ênfase no saber e no saber-fazer, em detrimento dos aspectos sócio valorativo¹⁹.

Isso pode estar relacionado ao fato de muitos profissionais, apenas com curso de bacharelado, sem nenhuma formação pedagógica, exercerem as atividades de docência. A comprovação de formação didático pedagógica não é exigida diante da comprovação da competência técnica científica²⁰. Entretanto, é mister ressaltar que para que haja um processo de reflexão é fundamental, além das experiências de cada profissional, o diálogo com as teorias pedagógicas.

A díade docência e desenvolvimento profissional, mediante a preparação pedagógica não é possível de maneira separada dos processos de desenvolvimento pessoal e institucional. A associação destas variáveis é tida como um desafio na construção da docência no ensino superior²¹. Os próprios profissionais que estão em

sala de aula sem uma formação específica exprimem a necessidade de uma formação didática e pedagógica que os preparem para a atuação no campo da docência universitária.

A prática docente na enfermagem perpassa a responsabilidade para a formação técnica do profissional, apto para atuar no mercado de trabalho, atendendo as exigências da profissão de Enfermeiro, como relatado pelas Enfermeiras docentes nesta pesquisa. A prática docente requer um esforço contínuo no sentido de formar Enfermeiros que, além de possuir conhecimento e domínio teórico-prático, sejam reflexivos e cidadãos críticos transformadores da realidade²². Para tanto, acredita-se que seja necessária uma formação pedagógica adequada para os Enfermeiros docentes, para que sejam capazes de contribuir com a formação de Enfermeiros aptos para a promoção da saúde e autonomia da pessoa, família e comunidade²⁰.

Sendo assim, bom educador é aquele profissional que reflete criticamente sobre a sua prática. Todavia, “o pensar certo, ser crítico é algo que não está nos manuais da academia”. A teoria deve ser associada à prática, de forma que formem um todo indissociável, expressando-se como ação-reflexão-ação, ação transformadora²³. E a articulação entre a teoria e prática pressupõe ações pedagógicas que, ultrapassando os muros da academia, indicam a necessidade da inserção do aluno em realidades concretas, cuja formação seja centrada na prática, com constatação de simulação das situações reais¹⁷.

Dessa maneira, a formação pedagógica exerce papel decisivo uma vez que, além da qualificação

para produzir ciência, por meio do mestrado e doutorado, os professores precisam possuir habilidades que favoreçam a formação de pessoas.

Conclusão

O estudo indica que o universo da docência em enfermagem é constituído por um espaço voltado para o tecnicismo acadêmico, uma vez que o professor está preparando indivíduos para desenvolver habilidades técnicas. Esse processo é reproduzido pelo professor que foi fruto dessa mesma educação, já que não passou por uma preparação para exercer a vida à docência do ensino superior.

Referências

1. Santos PEG, Feghera ACM. A formação docente no ensino superior: processos formativos e aprendizagem da docência. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2647/97>>. Acesso em 02 fev 2016.
2. Faria JIL, Casagrande, LDR. A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo na enfermagem. *Rev Latino Am Enferm*. 2004; 12(5):821-27.
3. Batista NA. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2005; 3(2):283-94.
4. Masetto M. (organizador). *Docência na universidade*. 3ª ed. Campinas: Papyrus. 2001.
5. Câmara de Educação Superior. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 3, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>>. Acesso em 18 set 2016.
6. Rodrigues J, Mantovani MF. O docente de enfermagem e sua representação sobre a formação profissional. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2007; 11(3):494-9.
7. Brasil. Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial, Brasília*, v.134, n.248, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 fev 2016.
8. Ferreira HM. A totalidade do conhecimento na enfermagem: uma abordagem curricular. *Acta Paul Enferm*. 2003; 16(1):56-65.
9. Nunes ZB. *Ensino superior: percepção do docente de enfermagem quanto à formação pedagógica [dissertação]*. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. 2011.
10. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011.
11. Araújo TM, Reis E, Kavalkievcz C. Processo de desgaste dos professores. *Rev Textual*. 2003; 1(3):14-21.
12. Terra FS, Secco IAO, Robazzi MLCC. Perfil dos docentes de cursos de graduação em enfermagem de universidades públicas e privadas. *Rio de Janeiro: Rev Enferm UERJ*. 2011; 19(1):26-33.
13. Morosini MC. *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. Morosini MC (Org.). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. 2000.
14. Cunha MI. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: Morosini MC (org.) *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. Brasília: INEP. 2000.
15. Felli VEA, Kurcgant P, Ciampone MHT, Freitas GF, Oguisso T, Melleiro MM, et al. Perfil de egressos da pós-graduação stricto sensu na área de gerenciamento em enfermagem da EEUSP. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(esp):1566-1573.
16. Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº. 3, de 7/11/2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. *Diário Oficial da União* 09 nov 2001; Seção 1.
17. Fernandes JD, Xavier IM, Ceribelli MIPF, Bianco MHC, Maeda D, Rodrigues MVC. Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. *Rev Esc Enferm USP*. 2005; 39(4):443-9.
18. Fernandes JD, Rebouças LC. Uma década de diretrizes curriculares nacionais para a graduação

em enfermagem: avanços e desafios. Rev Bras Enferm. 2013; 66(esp):95-101.

19. Santana FR, Nakatani AYK, Souza ACS, Casagrande LDR, Esperidião E. Diretrizes curriculares de graduação em enfermagem: uma visão dialética. Rev Eletr Enferm. 2005; 7(3):294-300.

20. Rodrigues MTP, Mendes SJAC. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. Rev Bras Enferm. 2007; 60(4):456-459.

21. Pimenta SG, Anastasiou LGC. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez. 2002.

22. Ito EE, Peres AM, Takahashi RT, Leite MMJ. O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. Rev Esc Enferm USP. 2006; 40(4):570-575.

23. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2011.